

**REPRESENTAÇÃO DO CORPO LIBERADO: A REVIRAVOLTA DA
PERSONAGEM SIDARTA, EM *GUERRA DENTRO DA GENTE*, NA BUSCA PELA
LIBERDADE EXISTENCIAL**

**REPRESENTATION OF THE LIBERATED BODY: THE TURN OF THE
CHARACTER SIDARTA, AT *GUERRA DENTRO DA GENTE*, IN THE SEARCH
FOR EXISTENTIAL FREEDOM**

Viviane Faria Lopes

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB)

viviane.lopes@ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/2373124294060117>

<https://orcid.org/0000-0002-6401-4909>

Mayara Moreira Lima

Mestranda em Estudos Literários e Interculturalidade no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)

mayaralym@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2712374355168008>

<https://orcid.org/0009-0009-9947-3396>

Resumo: A proposta deste artigo é a apreciação crítica da personagem Sidarta, da obra *Guerra dentro da gente*, de Paulo Leminski, tendo por enfoque a análise da representação do corpo liberado. Mediante a leitura examinativa dessa produção alegórica, a pesquisa explora como a personagem em apreço, que se encontra presa em um sistema opressor, busca por sua autonomia e identidade. Assim, a obra de Leminski é utilizada como lente para discutir temas como empoderamento feminino, patriarcado e importância de autoconhecimento para a libertação individual. Ao longo da avaliação analítica, são estabelecidas conexões com teóricos como Pierre Bordieu (2002), Simone de Beauvoir (1980), Zygmunt Bauman (2005), Elódia Xavier (1998, 2007), Regina Dalcastagnè (2005), Virginia Woolf (2014), Jean-Paul Sartre (1997) e Elizabeth Grosz (2000), com o propósito de sustentar cientificamente a verificação. Nessa perspectiva, este trabalho considera que a figura da princesa Sidarta se torna um símbolo da busca pela autonomia feminina e inspira a reflexão sobre a importância de desafiar normas e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Representações alegóricas. Corpo liberado. Autonomia feminina. Liberdade.

Abstract: The purpose of this article is the critical appreciation of the character Sidarta, from the work *War Within the people*, by Paulo Leminski, focusing on the analysis of the representation of the liberated body. Through the examining reading of this allegorical production, the research explores how the character in question, who is trapped in an oppressive system, seeks her autonomy and identity. Thus, Leminski's book is used as a lens to discuss topics such as female empowerment, patriarchy, and

Buildingtheway

the importance of self-knowledge for individual liberation. Throughout the analytical evaluation, connections are established with theorists such as Pierre Bordieu (2002), Simone de Beauvoir (1980), Zygmunt Bauman (2005), Elódia Xavier (1998, 2007), Regina Dalcastagnè (2005), Virginia Woolf (2014), Jean-Paul Sartre (1997) and Elizabeth Grosz (2000), with the purpose of scientifically supporting the verification. From this perspective, this work considers that the figure of Princess Sidarta becomes a symbol of the search for female autonomy and inspires reflection on the importance of challenging norms and building a more just and egalitarian society.

Keywords: Allegorical representations. Liberated body. Female autonomy. Freedom.

Considerações iniciais

Em 1986 Paulo Leminski publica a obra infanto-juvenil *Guerra dentro da gente*, uma narrativa de caráter educativo – com lições e reflexões –, repleta de reviravoltas, com personagens marcantes e figurativos, representações alegóricas e simbolismos. Apontada como realismo fantástico, a produção ficcional é moldada para encantar e surpreender a cada capítulo, por meio de sua linguagem emblemática e subjetiva, apresentando uma mistura de elementos em personagens, lugares e situações. Ao atravessar as páginas com a trama de um jovem que vivencia a realidade cotidiana, todavia, com elementos oníricos e extraordinários, o leitor vem a se confrontar com o tipo de narração que o leva, ao mesmo tempo, a uma minuciosa interpretação e a uma profunda reflexão, o que pode lhe auxiliar na busca pelo crescimento e entendimento de si mesmo.

Na apresentação do livro, é o próprio autor que afirma que o escrito em questão “é uma fábula onde os milagres são frequentes, onde existem armas para acabar com todas as armas. Afinal, toda palavra é, aqui, um pequeno gesto de amor” (Leminski, 2018, p. 4). No decorrer da trama, o escritor realmente colocará tais milagres por meio de reviravoltas que ocorrerão na vida de cada personagem, dentre os quais, apontamos a jovem princesa Sidarta, marcada por uma busca obstinada daquilo que tanto almeja.

Sendo cada palavra da produção em apreço um gesto de amor (Leminski, 2018), torna-se possível tomar Sidarta e examinar suas ações, de modo a avaliar se apresentam ou não tal sentimento, quer abertamente, quer simbolicamente. Por ser a representação feminina da trama e, ainda, demarcar um lugar que mescla poder e

Buildingtheway

resignação, a jovem irá enfrentar duros embates — inclusive, consigo mesma —, revelando que tanto as batalhas exteriores quanto as interiores são necessárias para a conquista do despertar existencial. Sua importância representativa, de caráter social, são-lhe cadeias impostas pela autoridade maior a que ela deve obediência, tendo em vista que seu nascimento destinou-a a um dever régio.

Em meio às suas tomadas de decisões, torna-se evidente que, ao agir de modo a efetivar uma reviravolta em sua própria história, a princesa promove a transformação da sua realidade, de modo a firmar a representação do corpo liberado. A análise deste trabalho está, assim, centrada na avaliação desse comportamento personificado, dessa libertação feminina ao que aprisiona, ainda que cercada de riquezas materiais. A partir da narrativa leminskiana, mediante a abertura para análises da representatividade de uma personagem, averiguamos a profundidade significativa em suas ações, apresentando e avaliando o universo da princesa Sidarta, já que seu anseio por liberdade é intenso o suficiente para induzir leitores a pensarem no empoderamento feminino como uma brava e destemida luta pela igualdade de direitos, em que se enfrenta o modelo social baseado no patriarcado.

Para tanto, a obra em questão, que aborda temas como amadurecimento, busca por identidade e descoberta do próprio lugar no mundo, instiga a pensamentos mais profundos do que os que comumente balizam as narrativas direcionadas a jovens. Assim, ainda que infanto-juvenil, *Guerra dentro da gente* apresenta um arranjo narrativo simbólico e reflexivo o suficiente para tocar além de seu público alvo, podendo nos alcançar com sua gama de assuntos complexos e profundos: guerra, violência, escravidão, traição, machismo. Atingindo a apreciação de um público amplo, a produção de Leminski aponta questões necessárias e inquietantes e, portanto, considera aspectos que atravessarão a narrativa com a pluralidade de interpretações e reflexões sobre a condição humana, de modo a se firmar em uma leitura atemporal.

Com o olhar nas linhas e a cabeça nas entrelinhas

A aventureira obra ficcional de Leminski, *Guerra dentro da gente*, apresenta muitas alegorias, símbolos e analogias por meio das personagens, do contexto e do enredo, levando o leitor a reflexões com a exposição de princípios e ideias abstratas

Buildingtheway

(Perrone-Moisés, 1989). Com sutilidade simbólica, o que popularmente é chamado de “entrelinhas”, o autor aponta princípios morais e lições existenciais que serão sugeridas no decorrer dos capítulos, sendo um convite à contemplação e à análise pessoal.

As alegorias presentes na obra, por sua feita, pronunciam-se de modo abrangente, vindo a explicitar a relação entre as funções denotativa e conotativa e confirmando, desse modo, que a compreensão acertada desse modelo de representação “depende sempre de uma leitura intertextual, que permita identificar num sentido abstrato um sentido mais profundo, sempre de caráter moral. Dizer que a alegoria é um desenvolvimento de uma fábula pode não ser suficiente” (Ceia, 2005, p. 1). Vale observar, para tanto, que a leitura intertextual permite que o leitor descubra os sentidos mais profundos e abstratos de uma alegoria, as quais podem, em diversas ocasiões, apresentar ensinamentos morais e indicar valores existenciais (Iser, 1996). Leminski, assim, faz uso desse artifício estilístico milenar para inovar num tema a princípio comum – guerra – e o remodelar simbolicamente como seres e lugares que venham a trazer uma abordagem psicológica, de modo a atingir as emoções do leitor (Tinoco, 2010).

Em suas pesquisas a esse respeito, Moisés (2004) avalia que “[a] alegoria constitui, por conseguinte, uma espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso” (Moisés, 2004, p. 14). O exame do pesquisador citado é uma ponderação sobre esse modelo de representação figurada, em que existe a indução a uma imersão profunda no universo dos símbolos e significados ocultos, em que o autor de uma obra referencial oferece uma chave para que o leitor possa desvendar a complexidade desse recurso literário. Entretanto, a oferta da tal chave não traz consigo a especificação da porta a ser aberta e, desse modo, Ceia (2005) confirma que o verdadeiro significado de uma alegoria não estará explícito no texto lido, levando o receptor a considerações que vão além do texto e movendo-o, imaginativamente, à busca por significados camuflados nas palavras, na trama, nos próprios personagens – novamente as tais das “entrelinhas”.

Por sua vez, a obra *Guerra dentro da gente* é moldada por representações alegóricas, de modo a promover um papel fundamental na desenvoltura do texto

Buildingtheway

(Perrone-Moisés, 1989). Estando dividida em oito capítulos, que configuram exatamente os ensinamentos do zen-budismo – tradição oriental da qual o autor era seguidor –, tem-se a indicação do que seria a buscar do caminho da felicidade. Essa “senda das oito trilhas”/“nobre caminho óctuplo”, como se nomeiam os ensinamentos dessa prática, (a saber: compreensão, pensamento, fala, ação, meio de vida, esforço, consciência e concentração corretas) é representada, na narrativa, consecutivamente, por: partida, estrada, mar, cidade assassinada, grande cidade, noite dos espetáculos, princesa e suas saídas e a volta. De acordo com o zen-budismo, então, essa trajetória constituída de oito momentos é um guia valioso para aqueles que buscam um caminho espiritual mais profundo e que, por tal razão, ao integrar essas práticas, poderão transformar suas experiências e (re)encontrar um sentido mais profundo para sua existência (Caleri, 2014).

Nessa premissa examinativa, verifica-se que o próprio nome da personagem Sidarta é representativo, já que Sidarta Gautama foi o nome original do homem que mais tarde seria conhecido como Buda¹. Ao atingir a chamada iluminação que tanto buscara, Sidarta Gautama passou a ser chamado de Buda, que significa "o desperto" ou "o iluminado". Assim, o Budismo, baseado nos ensinamentos de Buda, propõe um caminho para a libertação do sofrimento e a realização da felicidade duradoura (Gonçalves, 1993) e, por sua vez, a trajetória da personagem Sidarta vem a ser a representação feminina de uma jornada pela iluminação.

Todavia, importa assestar que a narrativa em questão toma por protagonista um herói, Baita, e sua jornada a se desenrolar pelo nobre caminho óctuplo. Sendo um garoto corajoso e sonhador, é influenciado culturalmente a ter por desejo e ambição aprender a arte da guerra, com a trama se desenvolvendo nesse aspecto, até o tornar um grande guerreiro. As diversas situações enfrentadas e vivenciadas por Baita – dores, amores, injustiças e sonhos – levam-no a compreender que a vida é a verdadeira guerra, cujo objetivo está em resistir, e as peripécias

¹ Considerado o fundador do Budismo, que é uma das maiores religiões do mundo. Sidarta Gautama nasceu em Lumbini, no Nepal, e era um príncipe que vivia uma vida de luxo e privilégios. No entanto, ao se deparar com o sofrimento humano – a doença, a velhice e a morte –, decidiu abandonar sua vida confortável para buscar respostas para as grandes questões da existência, como o sofrimento (causas e caminhos para cessá-lo). Após anos de intensa meditação e busca espiritual, Sidarta atingiu a iluminação sob uma figueira, na Índia. (Gonçalves, 1993).

Buildingtheway

descritas na produção ficcional virão a ser, outrossim, interpretações subtraídas das entrelinhas, cujo propósito está em mostrar que os enfrentamentos que cada indivíduo trava consigo mesmo o fortalecem para a tentativa de sobrevivência.

Então, já numa das partes finais da obra, Baita conhece a princesa Sidarta, que se encontra em um universo cuja representação alegórica é a das opressões e sujeições as quais milhares de mulheres foram e ainda são submetidas. Dessa forma, Sidarta será a própria simbologia da busca pela liberdade, representando o desejo de conquista pelo corpo liberado e vindo, por meio de suas lutas, atingir esse anseio.

A fantasia produzida enquanto literatura, principalmente com simbologias e componentes fabulosos, vem a ser uma ferramenta de crítica social, em que os costumes e as instituições sejam questionados e, até mesmo, combatidos, tornando-se uma denunciadora expressiva do que não poderia ser dito diretamente (Gallian, 2017). O mundo apresentado por Leminski é realista, apesar de ficcional, com personagens e situações cotidianas que são possíveis, ainda que haja a inserção de elementos mágicos e sobrenaturais – os quais são introduzidos de forma natural durante a trama. Por isso, as dores vivenciadas pelos personagens são sofrimentos reais, possíveis de se relacionarem aos dos leitores e, assim, criar com os receptores uma identificação, uma interpretação às alegorias propostas (Iser, 1996).

Quanto à intenção anunciativa do autor, deve-se considerar que Paulo Leminski cresceu induzido pela ideia de que o maior ato de nobreza do ser humano seria sua dedicação à guerra. Contudo, após constatar as chocantes imagens da Guerra do Vietnã, mediante reportagens televisivas, o horror de suas ações e consequências passou a lhe causar temor e repúdio e o levou à adesão da famosa frase: “Faça amor, não faça guerra”², o que ficará evidenciado em sua narrativa:

(1) *Ele não sentia mais nenhum prazer na guerra.
– Ninguém ganha uma guerra – dizia. – Numa guerra, todos perdem*
(Leminski, 2018, p. 77).

² “Faça amor, não faça guerra” é um *slogan* pacifista que se tornou um ícone da contracultura dos anos 1960. Esse mote encapsula o desejo de uma geração por paz, amor e liberdade, em oposição à violência e à guerra. Embora não haja um consenso sobre a autoria exata da frase, acredita-se que ela tenha surgido nos Estados Unidos, durante o período de intensa oposição à Guerra do Vietnã. A frase se tornou um grito de guerra para os jovens que buscavam um mundo mais justo.

Buildingtheway

Esse excerto encontrar-se ao final da trama, na última parte da obra, fazendo referência ao chamado à paz, e está notoriamente ligado às reflexões de Baita, o personagem principal. Entretanto, ele “diz” muito sobre a princesa, que ansiou, durante sua aventura narrativa, pela ausência de guerras interiores e exteriores.

Sidarta passa por uma experiência transformadora em meio aos seus conflitos e batalhas pessoais, de modo a lhe levar a questionar seus valores e a perceber que é a única que pode mudar sua própria história. Tais acontecimentos aparecem nas linhas e, muito mais, nas entrelinhas da ficção, constatando a necessidade de que nos estendamos um pouco mais sobre o exame simbólico de tal personagem: e o faremos, na seção a seguir.

“Meu corpo, minhas regras!”³

Em *Guerra dentro da gente*, a princesa Sidarta representa a invisibilização da mulher, que enfrenta um sistema social que privilegia os homens e os coloca em posições de poder. Mulheres submissas e discriminadas unicamente por conta de seu gênero foram e ainda são limitadas em suas possibilidades e oportunidades, sobretudo em espaços de poder e decisão (Zanello, 2018), revelando a castração social existente em aspectos diversos, inclusive quanto a tomar decisões relacionadas à própria vida.

O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São essas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade e sim em termos de liberdade (Beauvoir, 1980, p. 23).

³ “Meu corpo, minhas regras” é um lema criado para representar a pretensão de autonomia, integridade e liberdade de escolha no que diz respeito às questões corporais, em que não há obediência à coações e dominações externas. Considerado um *slogan* feminista.

A frase de Simone de Beauvoir apresenta uma análise sobre a condição da mulher na sociedade, destacando o conflito entre a busca pela individualidade e a imposição de um papel social submisso. Beauvoir (1980) aponta para um dilema inerente à experiência feminina: a mulher, como qualquer indivíduo, busca afirmar sua singularidade e sua importância como sujeito, no entanto, o conservadorismo social a coloca em uma posição secundária, definindo seu valor em relação ao homem e às suas funções reprodutivas e domésticas. Constata-se, desse modo, que, historicamente, a corporação patriarcal atribuiu à mulher um papel secundário que atendesse a seus interesses hegemônicos (Zanello, 2018).

A esse respeito, avaliemos um excerto da obra:

- (2) *E ela era feia, muito feia. Mas era linda. Era uma princesa. Ela andava como um passarinho voa, inclinava a cabeça como uma tarde quando garoa, movia as mãos devagar e fechava os olhos quando falava. Baita nunca tinha visto ninguém assim.*
- *Vamos voltar, Princesa.*
 - *Voltar? Para o Palácio.*
 - *Ah, sim, voltar para o Palácio* (Leminski, 2018, p. 68).

De acordo com as pesquisas de Zanello (2018), a mulher, amarrada às designações socioculturais, teve de direcionar suas realizações à definição dos papéis pré-estabelecidos, de modo a definir sua jornada como servidora dos protagonistas homens que a cercavam, condicionada à dependência emocional, física e financeira daqueles a quem deveria servir. Ademais, impedida sequer de questionar tais funções, deveria enxergar-se como valorada enquanto submissa e, assim, impossibilitada de alterar esse condicionamento (Zanello, 2018).

A princesa, na narrativa de Leminski, será uma representação de crítica às estruturas de poder e à sociedade pautada nos interesses patriarcais e bélicos, de modo a levantar questões sobre a condição feminina e a necessidade de desafiar as normas e valores que limitam a liberdade das mulheres. A esse respeito, Beauvoir (1980) considerou:

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem um o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade,

Buildingtheway

o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram-se parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino (Beauvoir, 1980, p. 97).

91

Conforme a avaliação exposta acima, a mulher foi colocada a não ter direito à escolha do seu destino. Assim, sobre as representações simbólicas que compõem Sidarta, importa que apontemos sua construção enquanto princesa silenciosa e guardada no castelo, ou seja, de uma mulher sem direito à liberdade física e à manifestação de pensamento, de expressão. O palácio fechado e vigiado por todos os lados evidencia situações pelas quais mulheres foram e ainda são submetidas, sem poder de fala ou de ação, apontando o domínio e o poder do rei sobre a filha, com ilustração do patriarcado e das concepções machistas e desiguais (Zanello, 2018).

No desenrolar da trama, a conduta da princesa, bem como suas decisões inesperadas, provoca reflexões e podem instigar o leitor a pensar em temas como autonomia, capacidade e autodeterminação. No traçado de sua existência na história, os acontecimentos que a atingem levam-na a um despertar, a uma reviravolta em sua trajetória, que a encaminham para a conquista da liberação de seu corpo aprisionado pelas imposições régias. A princesa, antes condenada a viver sob a sombra do rei, é um exemplo de tantas personagens – reais e ficcionais – que sofrem diante da dominação masculina, muitas vezes mascarada com a crença em um zelo familiar e enaltecendo o homem ao sagrado e tradicional papel de chefe e comandante, todavia, com o direito a escolhas sobre si, a esposa e os filhos (Zanello, 2018).

Uma das lições preliminares aprendidas no decorrer do condicionamento familiar é que o indivíduo não é autossuficiente para existir no mundo por si só. O indivíduo é cuidadosamente ensinado a negar o seu self e a viver aglutinado aos outros, colando pedaços de outras pessoas a si mesmo, para em seguida, ignorar a diferença entre si mesmo no seu self. Isto é alienação, no sentido de uma submissão passiva à invasão dos outros que, no começo, são sempre os outros da família (Xavier, 1998, p. 84).

Buildingtheway

Para Xavier (1998), a ideia de que o ser humano é completamente independente e autossuficiente é uma ilusão, tendo em vista que, desde seu nascimento, dependerá dos outros para sobreviver e se desenvolver. Por sua vez, a família, como primeiro grupo social, exerce um papel fundamental na formação da identidade, podendo, inclusive, levar à negação da individualidade, quando o sujeito é pressionado a moldar sua personalidade de acordo com as expectativas familiares (Lopes, 2019). Segundo as pesquisas de Lopes (2019), as pessoas internalizam as características, valores e crenças dos familiares, com essa aglutinação podendo levar o indivíduo a perder a noção de quem realmente seja ou queira ser.

Enquanto princesa, Sidarta foi condicionada a viver de acordo com os anseios familiares, sob o controle e o limite paternos, o que, portanto, viria a moldar a formação de sua personalidade (Xavier, 1998), o que coloca enquanto representação das desigualdades, das imposições e das injustiças de gênero sofridas pelas mulheres desde cedo (Zanello, 2018). Sobre tal assunto, Woolf (2014) analisa que

[a]s mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente a Terra ainda seria pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas (Woolf, 2014, p. 30).

Em crítica contundente, Virginia Woolf (2014) denuncia que essa visão, profundamente misógina e ultrapassada sobre a mulher, é uma imposição tradicional e antiquada que amplia e valoriza as qualidades masculinas, reforçando a ideia de que ela seja um objeto e não um sujeito de direitos e desejos próprios. Ainda de acordo com Woolf (2014), as repressões e opressões androcêntricas não vêm apenas do patriarca, mas também, do homem para quem foi prometida em um casamento determinado, o que a coloca a continuamente viver uma relação de subordinação.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento [...] (Bordieu, 2002, p. 2).

Buildingtheway

As pesquisas de Bordieu (2002) avaliam que ainda que cercada de luxo e requinte, enclausurar uma mulher é uma violência simbólica. A exemplo, tomemos nossa personagem em análise, que, apesar de apreciar o ambiente repleto de refinamentos em que vive, de amar os passeios pelo jardim, de sentir prazer com o cheiro das flores e de ter os melhores banquetes e mordomias, percebia que algo lhe faltava. Tomemos outro excerto do livro para avaliar tal comportamento:

93

(3) – *Ele apenas despertou o amor que estava dentro de mim. Mas meu amor não tem o tamanho de uma só pessoa. Quero estender a sombra da minha mão sobre toda a dor, sobre todo o desespero, sobre toda a fome. Quero sair pelo mundo dizendo que a vida é melhor que a morte, que a alegria é maior que a tristeza e que os golpes passam, mas só os beijos ficam. Em silêncio e em segredo, Sidarta partiu* (Leminski, 2018, p. 74-75).

Somente fora dos muros do palácio é que ela veio a conhecer a si mesma e a descobrir o verdadeiro sentido de sua existência. Os raptos forjados foram apenas saídas em busca do novo, de liberdade, de sua verdadeira identidade, vindo a demonstrar suas batalhas para alcançar anseios e vivenciar desejos e sonhos. Verifica-se que a personagem representa uma busca pela própria identidade, (re)agindo com intrepidez e inquietação para com as situações que considera sufocantes e paralisantes, situações essas que lhe são impostas. Sidarta, desse modo, comporta-se como uma mulher que não se permite estar sujeita às opressões e submissões, ainda que tradicionais e classificadas como necessárias ao cumprimento de seu papel social (Zanello, 2018).

Tomemos este excerto:

(4) *Nesta vida, pode-se aprender três coisas de uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo o que se quer* (Leminski, 2018, p. 5).

Aferimos, tanto segundo o fragmento acima, quanto a avaliação de toda a narrativa, que o autor considera a importância do resgate da criança que existe dentro de cada um, em que o cultivo da alegria, da curiosidade e da autenticidade é um início para a afirmação de uma vida em que se construa uma identidade significativa. O excerto **(4)**, que se encontra como epígrafe do Leminski à própria obra, justifica o que

Buildingtheway

é retratado no excerto (3), em que a princesa deseja abrir mão das regalias imperiais para vivenciar o mundo, ainda que esse seja permeado de dores. Tal anseio se reafirma quando o rei ordena que a filha seja resgatada, e Baita, o protagonista, entende que ela não quer – e realiza a vontade da moça.

Aos olhos do herói da narrativa, a princesa, ao primeiro olhar, é “*feia, muito feia*”, ao mesmo tempo que é linda (Leminski, 2018, p. 68) – excerto (2) – expondo que Baita, após a primeira percepção – somente física –, enxerga que o encanto e a graciosidade dela está na singularidade e nos gestos que possui. Esse encontro o leva a ter uma definição de beleza transformada e, assim, apesar de ter ele a missão de a resgatar, constata a necessidade de sua liberdade, inclusive, para firmação de si mesma.

Segundo Bauman (2005, p. 13), “é sempre fundamental distinguir os polos gêmeos que a identidade impõe à existência social: a opressão e a libertação”, apontando-nos que ela vem a se revelar como uma força ambivalente. Se por um lado, conecta pessoas, oferece um sentido de pertencimento e permite construir comunidades, por outro, pode aprisionar em estereótipos, marginalizar e negar oportunidades (Bauman, 2005), dessa feita, é necessário reconhecer-se essa dualidade para reconhecer-se na busca por sua própria identificação no mundo, enquanto ser coletivo e individual, a fim de lutar contra opressões e, ao mesmo tempo, construir-se cultural e socialmente. Para tanto, avaliemos no próximo excerto qual a decisão de Sidarta para validar sua busca:

(5) – *Tragam a princesa – o grande rei ordenou. Mas Sidarta não foi encontrada. Não estava no jardim, não estava em seus aposentos, não estava no lago dos cisnes dourados, não estava na casa de suas bonecas, não estava em nenhum lugar. Agora a princesa estava em toda a parte. Para Baita, ela deixou apenas uma frase escrita num lenço: Eu amo* (Leminski, 2018, p. 75).

Nesse paradoxal conflito interior em que a princesa parece viver, observa-se que “a guerra dentro da gente”, nela, esteve em deixar de ser a filha do rei e a futura esposa de Baita para ser Sidarta, somente Sidarta, ao que Zanello (2018) aponta como uma mulher que não pertence a um homem para ser. Ademais, ao deixar como única justificativa uma frase em um lenço, revela um grito de liberdade com uma

Buildingtheway

construção oracional que, por trazer um verbo transitivo direto (amar), evoca a existência de um objeto direto, que não é colocado. Ao não determinar o objeto de seu amor, a “antes” princesa conota possibilidades transitivas: ela mesma, Baita, a liberdade, o estar no mundo – ou, ainda, nenhum desses. A transitividade não realizada, coloca o objeto verbal em suspenso, em perspectiva, em uma busca. A esse respeito, Xavier (2007, p. 99) considera que “[a] construção das identidades se assemelha à construção de um quebra-cabeça, ao qual faltam sempre peças, ficando, portanto, incompleto” (Xavier, 2007, p. 99), ou seja, a identidade é um processo contínuo de edificação e descoberta, aberta a novas tentativas de encaixe até a finalização e a contemplação da imagem final.

Quando a personagem se firma em seu processo de libertação e busca por identidade autêntica, passando pelo autoconhecimento, há uma abertura para esquadrihar a libertação das amarras androcêntricas (Zanello, 2018). Tal recurso requer o alcance do poder que o conhecimento promove, determinante para gerar transformações, promover metanoia, quebrar paradigmas e, principalmente, fortalecer as estruturas para enfrentar os embates na jornada pela busca da autonomia e concretização dos objetivos (Bauman, 2005), o que, além de transformação interior, acarretará em ações externas, tendo em vista que,

para a sociologia do corpo, o importante é teorizar sobre as instituições a partir do estudo do corpo, o que nos leva a pensar que a análise da representação dos corpos pode ser um excelente meio de conhecer as práticas sociais vigentes, uma vez que as ações corporais são orientadas pelos e para os contextos institucionais (Xavier, 2007, p. 15).

A sociologia do corpo instiga olhar para a compleição física não apenas como uma máquina biológica, mas como um campo de disputas sociais, onde se expressam as relações de poder, as normas culturais e as identidades (Xavier, 2007). Ao analisar as representações e as práticas corporais, pode se desvendar os mecanismos que moldam a vida em sociedade e, por isso, as manifestações físicas de Sidarta pré-anunciam uma ação de partida, conforme colocado no excerto **(2)**: “*Ela andava como um passarinho voa, inclinava a cabeça como uma tarde quando garoa, movia as mãos devagar e fechava os olhos quando falava*” (Leminski, 2018, p. 68).

Buildingtheway

Ao invés de fragilidade – como se acreditaria em primeira leitura –, Sidarta aponta sua necessidade de voar.

Nesse viés, em que a obra é criada para um pretenso receptor – leitor, no caso da literatura –, o processo de subjetividade possibilita um repensar, levando essa tal guerra interior até aquele desavisado buscador literário, afinal, ele também pode estar buscando, de algum modo, “se conectar a outras experiências de vida. Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro” (Dalcastagnè, 2005, p. 14). Ao se conectar com as histórias, o leitor explora vivências diferentes das suas, ampliando sua compreensão do mundo e de si mesmo, de modo a criar identificação com as personagens e podendo projetar-se nas histórias, antecipando situações futuras ou evitando reviver momentos dolorosos (Dalcastagnè, 2005).

De acordo com Bauman (2005, p. 13), uma tarefa que a vida exige é “a libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis”, apontando que essa independência das amarras sociais venha a ser um desafio que a vida impõe, todavia, a poder ser aceito ou rejeitado. Nesse viés, consideremos Sidarta, que sobrevive em meio aos costumes tradicionais, com rotinas preestabelecidas e sem a possibilidade de questionar as ordens do pai – que representa as forças que impedem mulheres de pensarem por si mesmas e de buscarem novas formas de viver (Zanello, 2018) –, como quem percebe que há “peças” que lhe faltam, que entende que essa ausência existe. Justamente como alguém que enxerga que as verdades não são imutáveis, ela promove uma reviravolta, saindo da inércia dos costumes tradicionais e fugindo do conforto para buscar pela autenticidade, questionando os próprios princípios existenciais colocados:

(6) – *As pessoas existem para dar calor umas às outras – ela disse.*
(Leminski, 2018, p. 69)

(7) *Mas tudo o que ele recebia eram informações sobre uma mulher que andava de vilarejo em vilarejo, consolando os sofredores, ajudando os pobres, cuidando dos doentes, ressuscitando os mortos.*
(Leminski, 2018, p. 77)

Buildingtheway

Ao fugir do castelo e de tudo o que isso lhe representava, Sidarta busca por sua autonomia, fazendo-se ser o que na verdade acreditava que deveria – no caso: dar calor às pessoas –, pois seu propósito da vida era o de se colocar a serviço dos necessitados. Nessa fluidez, que exigiu uma ruptura de costumes, autoridades, rotinas e verdades (Bauman, 2005), as novas escolhas provaram o movimento para o corpo liberado (Xavier, 2007).

Para Xavier (2007, p. 162), “mulheres que passam a ser sujeitos de sua própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento”, são exemplos de corpo liberado. A antes princesa passa a criar novo sentido a sua permanência no mundo, em que sabedoria, aprendizagem e amadurecimento prepará-la-iam para um caminho de autonomia. O corpo liberado refere-se à liberdade não apenas física, mas mental e emocional (Xavier, 2007). Quando uma mulher se torna sujeito de sua própria história e age de acordo com seus valores redescobertos, ela também se liberta das opressões e limitações que anteriormente restringiam sua identidade e escolhas (Grosz, 2015).

Sendo a liberdade o “fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias” (Sartre, 1997, p. 542), essa liberação de corpo é o que define alguém como ser humano, não podendo ser passivo, moldado por forças externas, mas agente ativo que constrói a própria existência. Portanto, Sidarta obtém uma força imensurável para desvencilhar-se das imposições e cumprir sua missão, fazendo do desencarceramento existencial a permissão para transcender as limitações do mundo e fazer surgirem possibilidades.

Considerações finais

Paulo Leminski era um especialista em inovar e experimentar a linguagem e a forma narrativa, não se contentando com as estruturas tradicionais e buscando novas maneiras de expressar ideias e contar histórias, fazendo desse experimentalismo uma característica marcante da sua obra (Perrone-Moisés, 1989). Sendo um dos artistas a recorrer ao artifício da representação alegórica, pode dar novos matizes às suas produções artísticas, em todos os gêneros em que as elaborou.

Buildingtheway

Por isso, na literatura – narrativa e poética – pode usar das simbologias, suas metáforas, seus dizeres pelas entrelinhas, de modo a nos tocar, envolver e reviver, com as ideias abstratas presentes nos personagens, nos eventos e/ou nos elementos imaginários. Essa estética engenhosa e criativa propiciou que, enquanto escritor, ele pudesse transmitir, mediante seus textos, os significados mais profundos a respeito de questionamentos existenciais, evidenciando sua multiplicidade, versatilidade e sensibilidade.

A narrativa *Guerra dentro da gente* é uma prosa que não deixa de revelar certa poesia e vem com o intuito de iluminar. A trama desenvolvida faz com que o leitor perceba a possibilidade de ser ele mesmo em uma das personagens, induzindo à análise e à reflexão sobre questões feministas, sobre os direitos das mulheres e, principalmente, sobre a necessidade humana por liberdade. Como a própria vida pode ser interpretada e enfrentada em comparação a uma batalha, em que lutas, derrotas, conquistas e perdas fazem parte do dia a dia, importa que possamos nos enxergar como buscadores de autonomia, como guerreiros que se esforçam em libertar e si mesmos, afinal, as batalhas mais árduas e dolorosas podem estar justamente “dentro da gente”.

A figura da princesa Sidarta – sua representação com inúmeras informações subjetivas – logo se associa a tantas outras “sidartas”, sonhadoras e corajosas, mulheres batalhadoras e reprimidas que carregam seus conflitos interiores, seus anseios e suas vontades avassaladoras de serem vencedoras – do medo, da opressão, da subordinação, das violências e de tantos outros desafios que costumes e tradições opressoras firmaram como verdades impostas. A reviravolta da personagem tem, em seu desfecho, sua redenção.

As representações alegóricas impressas no livro podem ensinar muitas lições e levar o leitor à reflexão, tendo em vista que a sede da personagem pela busca de uma nova identidade, de um sentido real para a própria vida, impulsiona-lhe a ser algo que vai além de uma existência de sombra e de uma dominação: filha de... esposa de... mãe de... *Guerra dentro da gente*, ao fazer essas abordagens, oferece uma representação de personagem feminina que pode ser delicada e forte, ao mesmo tempo, sendo capaz, em sua construção alegórica, de inspirar leitores reais, de interferir conotativamente na denotação humana.

Buildingtheway

A luta por liberdade e autonomia, na construção de uma identidade de corpo liberado, é uma tentativa cotidiana, um enfrentamento social que se sustenta por vozes e representações que fortalecem, em que diferentes vozes e perspectivas ecoam, enriquecem, transforma, oferecendo uma visão mais completa e diversa da vida humana. Dessa forma, ler sobre personagens que superam desafios e afirmam sua independência podem cumprir esse papel necessário à nossa vida, ajudando-nos enquanto leitores, receptores e participantes da narrativa.

Verdade seja dita: quando começamos a leitura da obra em apreço, acreditamos que iremos viver as batalhas de Baita, o protagonista, e que será ele a nos levar a uma guerra dentro da gente; ao final, todavia, descobrimo-nos em Sidarta, já que, como ela: Nós amamos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CALERI, Donati Canna. **Espinosa e zen-budismo**: uma política contemporânea. 2014. 159 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

CEIA, Carlos. **Sobre o conceito de alegoria**. Matraga (10), Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: [Microsoft Word - matraga10ceia.doc \(uerj.br\)](https://www.uerj.br/matraga10ceia.doc). Acesso em: 02 set. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, (26), 13–71. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em 29 ago. 2024.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GONÇALVES, Ricardo M. **Textos Budistas e Zen-Budistas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

Buildingtheway

GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. In.: **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

LEMINSKI, Paulo. **Guerra dentro da gente**. Ilustrações Gonzalo Cárcamo. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2018.

LOPES, Viviane Faria. **Identidade, família e letramento**: representações discursivas num contexto de pobreza. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Leminski, tal que em si mesmo. **Revista USP**, (3), 99-100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25485>, 1989. Acessado em: 03 de julho 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Tradução e notas de Paulo Perdigão. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa. 1ª. ed. - São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** – o corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Mulheres, 2007.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Apris, 2018.